MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: TEORIA QUE APRESENTA O "VERDADEIRO LUGAR" DO FORMATIVO *-ÓDROMO*

José Augusto de Oliveira Pires (NEMP/UFRJ)
augustopires2010@gmail.com

RESUMO

O formativo *-dromo* é proveniente do grego e tem como significado "ação de correr, lugar para corrida, corrida" (HOUAISS, 2009). Na língua grega, o formativo em questão era um elemento composicional. No atual estágio da língua, sobretudo na variedade brasileira, a partícula -dromo vem sendo amplamente utilizada na formação de novas palavras; no entanto, as mesmas não remetem ao significado dicionarizado. Em decorrência disso, aliado ao fato de o formativo em questão não possuir uma descrição detalhada, apropriada e pormenorizada na língua, apesar de referenciado em estudos como Laroca (2005) e Gonçalves (2011), que também apontam para a natureza derivacional de -dromo, o presente trabalho tem por objetivo principal comprovar o estatuto sufixal de *-ódromo.* Por isso, ponderamos que as formações mais novas com o formativo em questão (a) possuem uma diferença no estatuto morfológico da partícula, que deixa de ser um elemento de composição para ser visto como um elemento de derivação – uma mudança de radical para afixo e (b) passam a incorporar a vogal média baixa [ɔ], sendo, pois, *-ódromo* e não mais *-dromo.* Além disso, como forma de obtermos uma descrição ainda mais satisfatória, basear-nos-emos nos trabalhos propostos por Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012), assim como na teoria da morfologia construcional de Booij (2005, 2010), visando a descrever e a representar o formativo *-ódromo* por intermédio de esquemas construcionais propostos pelo autor e, posteriormente, adaptados para o português em Gonçalves & Almeida (2013).

Palavras-chave: Morfologia. -Ódromo. Formativo. Radical. Afixo.

1. Palavras iniciais

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise do comportamento do formativo *-dromo* no português brasileiro contemporâneo, tendo por base o modelo da morfologia construcional (BOOIJ, 2005; 2010). Levando-se em consideração que a literatura tradicional não pos-

sui um estudo satisfatório e aprofundado acerca do formativo em questão, o intuito é (a) realizar uma análise mais detalhada sobre as transformações e os desdobramentos pelos quais o formativo passa no português brasileiro e (b) investigar a produtividade do mesmo na contemporaneidade a partir de um modelo que venha a possibilitar uma descrição mais adequada e pertinente. Para tais proposições, dividamos o trabalho da seguinte maneira: a primeira parte será destinada à *metodologia* e à *conceituação*. Nessa primeira etapa, o objetivo é verificar a origem dos dados, assim como averiguar de que maneira o formativo é trabalho nas mais variadas abordagens, tal qual em (a) em dicionários etimológicos como em Cunha (1986) e eletrônicos – Aurélio (2004) e Houaiss (2009) –; (b) em algumas gramáticas tradicionais – Bechara (2004), Cunha & Cintra (2001) e (2008) e Lima (2007) –; (c) em manuais de morfologia do português – Basílio (2007), Laroca (2005) e Sandmann (1988 e 1997) –; (d) nas mais variadas situações conversacionais de uso real com em conversas espontâneas, aulas, programas de TV e rádio, jornais e outras fontes e (e) por intermédio da ferramenta de busca eletrônica *google*, assim como em *sites* de redes sociais, tais quais *facebook* e *twitter*. Após a metodologia e a conceituação, a etapa seguinte se destinará à abordagem da teoria da morfologia construcional (BOOIJ, 2005; 2010). O propósito é apresentar o arcabouço teórico, com o intuito de observar as principais motivações para a utilização do mesmo no fenômeno em questão. Tendo em vista que, para Booij, as fronteiras entre composição e derivação não são processos claramente distintos; são fronteiras maleáveis, a perspectiva teórica se faz de extrema importância para indagar qual o verdadeiro comportamento do formativo *-dromo* no processo de formação de palavras na contemporaneidade. A terceira parte será destinada à aplicação da morfologia construcional no elemento *-dromo*. Nessa seção, a aplicação da teoria do autor visa (a) à demonstração de como a questão fronteiriça entre composição e derivação é questionável, uma vez que há a possibilidade da transformação do *status* morfológico de elementos ao longo dos anos – caso de – *mente* e (b) à possibilidade de criação de padrões construcionais que, por sua vez, colaborariam para a constatação de produtividade do radical erudito mencionado enquanto neossufixo em uma nova formatação: *-ódromo*. A quarta e última seção será destinada às considerações finais, em que se fará a ponderação de alguns fatos levantados ao longo do texto, ponderando alguns fatos levantados ao longo do texto.

2. *Metodologia e conceituação*

Com relação à metodologia e à conceituação do *corpus* até agora levantado, percebemos algumas diferenças com relação à abordagem. As visões mais tradicionais ainda classificam enquanto processo de composição o radical erudito em questão; por sua vez, nos manuais de morfologia, já é possível notar que a classificação passa a ser outra. Abordemos, em primeiro momento, as definições mais usuais para, então, apresentar as conceituações mais atuais.

Ao procurarmos a definição na origem, quer dizer, em um dicionário etimológico, (CUNHA, 1986) constatamos que *-dromo* tem enquanto acepção *elemento de composição, do grego drómos, ação de correr, corrida, lugar de corrida*. Como exemplo, temos *craspedódromo* que é um adjetivo relacionado à área da botânica, cujo significado é *em que as nervuras secundárias são secantes em relação à margem da folha* (*diz-se de nervação*).

Em se tratando dos dicionários eletrônicos encontrados, no *Houaiss* (2009) constatamos que a definição é a mesma encontrada no etimológico, ou seja, *elemento de composição; pospositivo do grego drómos, ou 'ação de correr, lugar para corrida, corrida'*, com *aeródromo* sendo definido como *espaço delimitado, em terra, provido de relativa infraestrutura para o pouso e decolagem de aeronaves destinadas ao transporte de passageiros ou de cargas diversas*. Muito embora o dicionário Aurélio (2004) traga algumas abordagens um pouco diferentes, podemos ver que o conceito central não fica muito distante dos já mencionados; a saber *elemento de composição; ação de correr', 'corrida'; 'deslocamento rápido em veículo'; 'lugar para correr'; 'pista'; 'local de'; 'fluxo', 'corrente'.* O exemplo seria *autódromo*, que se denomina *conjunto de pistas e edifícios (instalações para administração, arquibancadas, controle, oficinas de reparos* etc.*), para corrida de automóveis.* Vale a ressalva de que no dicionário *Aurélio* já existe a concepção *lugar de* isoladamente, indicando uma modificação na definição inicial.

Para as definições das gramáticas tradicionais, também podemos perceber que as conceituações são basicamente as mesmas já vistas.

Em Cunha & Cintra (2001) *-dromo* seria *lugar para correr*, trazendo como exemplo o vocábulo *velódromo*, cuja denominação seria *local destinado a corridas ciclísticas, dotado de pistas, instalações para o público etc*. Na versão mais atualizada desse livro, os autores trazem a mesma concepção, apresentando que "funcionam, preferentemente, como

segundo elemento da composição" (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 126) com o exemplo sendo *hipódromo***.** Para Bechara (2004), temos *Corrida, curso*, cuja exemplificação também se faz com *hipódromo*, isto é, *local com pistas próprias para corridas de cavalos e tribunas para o público*. A última gramática verificada, de Rocha Lima (2007) em que não há menção ao elemento em questão, seja no processo de composição seja no processo de derivação.

Passando para os manuais de morfologia do português, presenciamos diferentes perspectivas em relação às abordagens mais tradicionais. Em Basílio (2007) e Sandmann (1997), percebemos que ambos tratam os dois processos de formação de palavras em questão não de maneira tão simplificada, como se verificou nas gramáticas acima, trazendo uma visão mais aprofundada do fato. Em se considerando, no entanto, a dificuldade existente na distinção de ambos, vale ressaltar que não há uma menção direta ao formativo *-dromo*. Por sua vez, Sandmann (1988), na seção *2.2.1.1.19*, traz o formativo não mais como elemento de composição e sequer como *-dromo* e sim como elemento de derivação e *-ódromo*. Justifica tal transição relacionando-o a um sufixo em razão de *se prestar à formação de novas palavras em série e porque não ocorrem livremente na frase* (SANDMANN, 1988, p. 47). Ainda dentro dessa visão diferenciada, o autor ainda pondera que o significado inicial - *ação de correr, corrida, lugar de corrida* – não pode ser relacionado diretamente com o significado atual das novas formações. Tendo em vista essas novas formações, vocábulos como *camelódromo* que se refere ao *lugar de concentração do comércio popular na cidade do Rio de Janeiro* e *amoródromo* enquanto *lugar para a prática do amor*, a ideia de locativo se mantém, sem, entretanto, fazer referência a um lugar para corrida. Laroca (2005) aborda o elemento *–dromo* como sendo um *neossufixo*, isto é, um elemento derivacional. Mantém, todavia a estrutura em *–dromo* diferentemente de Sandmann. À semelhança do autor, *Laroca* também constata haver uma transformação no que diz respeito à mudança de sentido em sua origem: *de "curso, corrida, marcha, condutibilidade", passou a designar o local (apropriado) para acontecer determinado fato ou evento* (LAROCA, 2005, p. 75) como em *namoródromo, papódromo* e *beijódromo*.

Por último, no que diz respeito às variadas situações conversacionais, à ferramenta de busca eletrônica – *Google* – e às redes sociais, percebemos que estas propiciam a maior parte do *corpus* sendo, majoritariamente, constituídas de palavras (ainda) não dicionarizadas. Os vocábu-

los terminados com o formativo são verificados em situações reais de uso, em que a necessidade e a inventividade dos falantes permitem a criação sistemática de novas lexias. Tragamos alguns exemplos que servem como base para a confirmação dessa assertiva.

A palavra *porcódromo***,** que faz referência ao Palmeiras, é oriunda de um tópico de discussão de torcidas em um *blog* voltado para o ramo esportivo, mais especificamente no futebol. Ao analisarmos o contexto situacional, há a constatação de que o usuário da língua, intencionalmente, formou esse vocábulo para aludir ao estádio do time do Palestra Itália – Palmeiras. Em outras palavras, ao se saber que os torcedores do time paulista são conhecidos por "porcos", torcedores de outras equipes rivais – tais como Corinthians, São Paulo e Santos – formaram a nova palavra intencionando depreciar o estádio onde joga a equipe alviverde.

Dentro dessa mesma relação situacional, quer dizer, dentro do âmbito do futebol e relacionado ao tom depreciativo, a equipe do São Paulo também se tornou "alvo" dessa inventividade com a palavra *bambódromo*. O contexto para tal ocorrência se deu quando o volante Vampeta – apenas como curiosidade, trata-se de um apelido que seria a junção de vampiro com capeta – ao passar por uma sorveteria avistou dois jogadores do São Paulo, Kaká e Júlio Baptista e em um tom jocoso chamou a dupla de bambi. Alguns dias depois, repetiu o mesmo termo em uma entrevista coletiva, fato que teve uma repercussão muito grande na imprensa esportiva. Daí a origem de *bambi* para os torcedores saopaulinos. Seguindo o mesmo raciocínio de porcódromo, temos *bambódromo* que passa a designar o estádio do Morumbi, que, por sua vez, é o estádio da equipe do São Paulo.

O terceiro dos exemplos que nos permite observar o aumento do léxico seria *camisódromo*, que faz referência a uma marca de produtos de moda masculina que oferece uma linha variada de vestuário e acessórios para homens de bom gosto, de todas as idades, localizada na cidade de São Paulo.

A primeira seção permite uma visão inicial de que tanto as abordagens como a formulação dos exemplos possuem divergências e modificações no que diz respeito ao entendimento do radical erudito. Além disso, vale ressaltar que as palavras dicionarizadas e encontradas nas gramáticas mais tradicionais são, basicamente, mais antigas do ponto de vista cronológico; são vocábulos que datam do século XVII, XVIII, XIX e do começo do século XX. Com isso, há uma maior influencia para que

sejam vinculadas ao processo de composição. Já os exemplos dos manuais de morfologia do português, das situações conversacionais, da ferramenta de busca eletrônica *Google* e das redes sociais são, basicamente, da segunda metade do século XX e do século XXI, que passam a acenar situações conversacionais, à ferramenta de busca eletrônica – Google – e às redes sociais com a possibilidade de modificação da perspectiva no estatuto morfológico.

3. Teoria da morfologia construcional

Acerca da teoria da morfologia construcional de Booij (2005, 2010), devemos levar em consideração, antes da teoria propriamente dita, as motivações para o estabelecimento do modelo. A causa se dá em decorrência de verificar as fronteiras internas da morfologia, por entender que "o propósito inicial de uma boa classificação é permitir ao linguista estabelecer as melhores generalizações possíveis sobre o fenômeno linguístico" (BOOIJ, 2005, p. 109).

A partir dessa proposição inicial, o autor enumera três casos de demarcações que viriam a ser investigadas na literatura morfológica atual: (a) os limites entre compostos e construções sintáticas, (b) a distinção entre flexão e derivação e (c) a diferenciação entre composição e derivação. Booij ressalta que os dois primeiros seriam mais destacados dentro dos estudos morfológicos, enquanto o terceiro, apesar de menos proeminente, demonstra já haver estudos como, por exemplo, Bauer (1983, p. 36-38), Tuggy (1992) e tem Hacken (2000), sendo o foco de sua análise. Assim como o autor faz, o presente trabalho também será baseado no terceiro modelo. Tal fato reside na tentativa de demonstrar como o comportamento do formativo *-dromo* se dá mais próximo de uma formação derivacional do que os modelos mais clássicos, cujos estudos seriam mais composicionais.

Tendo como base um critério mais tradicional sobre as definições de composição e derivação, o autor menciona que "o primeiro consiste na combinação de duas ou mais bases; enquanto a derivação é caracterizada pela adição de um afixo, isto é, um morfema preso, a uma base" (BOOIJ, 2005, p. 109). Ao apresentar essas considerações, ressalta que esse tipo de análise destaca as similaridades entre ambos sem, no entanto, serem suficientes para que a demarcação seja resolvida pela unificação desses dois tipos de formação de palavras. Ainda destaca que se devem estabelecer critérios para determinar se um morfema em particular pode ser

considerado como preso ou livre, assim como saber se essa diferença está relacionada a outros critérios, como semânticos e fonológicos e como essas distinções são analisadas.

Assumindo uma postura ligada à linguística cognitiva de que léxico e sintaxe não possuem uma separação estritamente rígida (CROFT & CRUSE, 2004, p. 278) e adaptando a abordagem construcionista a partir de autores como Goldberg (1995), Booij entende ser possível apresentar uma semelhança estrutural entre composição e derivação, de forma que pudessem ser representadas por esquemas de formação de palavras que expressassem generalizações sobre palavras existentes, assim como usadas para representar novas formações. Com isso, demonstra que, por mais que haja complicações no que diz respeito à demarcação fronteiriça entre composição e derivação, ambas possuem a capacidade de apresentar estruturas simbólicas convencionais em que as diferenças não seriam consideráveis. Em outras palavras: "essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais" (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013, p. 110). Os esquemas trazidos pelo autor seriam referentes ao holandês. Ao se fazer a adaptação desses esquemas para o português, trazidas por Gonçalves & Almeida (2013), podemos notar que as três operações envolvidas na formação de palavras – a saber, composição, sufixação e prefixação – seriam representadas genericamente por:

(a) composição: $[\ [X]_x\ [Y]_y\ ]_s$

(b) sufixação: $[\ [X]_x\ [Y]\ ]_s$

(c) prefixação: $[\ X\ [Y]_y\ ]_s$

No esquema acima, as variáveis X e Y seriam representativas de sequências fonológicas; já para x e y, as mesmas seriam representativas de categorias lexicais, como adjetivo, advérbio, verbo, dentre outros. Acerca de cada projeção, em (a) teríamos a generalização do esquema composicional em que, muito embora possa apresentar diferenças no que diz respeito à categoria lexical – pode ser um verbo – o resultado será um substantivo – exceção a quando, em sua constituição, houver dois adjetivos, formando um *output* adjetival, que, por ser em menor número, não invalida a representação mais comum.

A respeito dos esquemas entre composição e derivação, Booij afirma: "a diferença entre composição e derivação está no fato de, na derivação, um dos constituintes não ser etiqueta lexical, uma vez que não

corresponde a um lexema" (BOOIJ, 2005, p. 13). Ao afirmar que, na derivação, um dos constituintes não é etiqueta lexical, o autor ressalta que a palavra é marcada com um índice subscrito – no caso ($_{i, j}$) – que promove a identificação no léxico. Por sua vez, os afixos, em decorrência de serem formas presas, não são indexados, já que se manifestam apenas quando vinculados a uma construção – no caso, a palavra.

Esses esquemas genéricos representam o pareamento do polo significante/significado. Tendo em vista que essas estruturas modelam conceitos genéricos que permanecem na memória, os mesmos representam informações. Em outras palavras, significa dizer que, em função de acessarem moldes que estão armazenados nos conhecimentos linguístico e enciclopédico, seriam abstrações de experiências do mundo que possibilitam depreender generalizações. Assim, passam a representar o pareamento de uma estrutura formal com a estrutura semântica.

Fundamentado na ideia de que, por intermédio da abordagem construcional, haveria um tratamento mais adequado na relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, esses esquemas morfológicos poderiam vir a ser interpretados enquanto padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra. Com isso, pondera-se que as diversas representações com posição fixa e outra aberta não teriam diferenças significativas entre padrões regulares, expressões idiomáticas e palavras morfologicamente complexas – derivadas ou compostas.

Independentemente do molde a ser utilizado, pode-se perceber as esquematizações são abstrações de expressões que se realizam na língua e que têm a possibilidade de serem contempladas em construções e em compreensões de novas sentenças.

Booij afirma que

> A relação entre o esquema abstrato e as instanciações individuais desse esquema podem ser representados como árvores com o esquema construcional como o nó dominante. Palavras individuais formam o nó mais baixo das árvores e herdam as propriedades dos nós pelos quais são dominados. (BOOIJ, 2005, p. 123).

Tendo como base a gramática das construções, de Goldberg (1995), a autora entende por herança qualquer característica formal ou semântica que esteja na construção básica se transfira para a construção decorrente, A partir disso, apresenta quatro tipos de herança:

- ✓ por polissemia (quando há relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido em outra);

- ✓ por extensão metafórica (quando duas construções se relacionam por meio de mapeamento metafórico);
- ✓ por subparte (quando parte de uma construção existe independentemente, constituindo outra construção); e, por fim,
- ✓ por instanciação (quando uma construção instancia outra, apresentando mais elementos especificados).

Com isso, demonstra-se a possibilidade de formação de construções idiomáticas no nível da palavra, em que o paradigma apresentado permite que (a) haja um tratamento mais satisfatório e adequado no que diz respeito à relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, (b) se reconheça a construção apresentada, de modo que seja possível identificar as relações implementadas e (c) seja viável a formação de novas palavras a partir da estrutura inicial, pois se trata de uma representação que trata das instanciações mais abstratas até as mais específicas.

4. Aplicação da morfologia construcional

Por intermédio da morfologia construcional (BOOIJ, 2010) podemos perceber que o estudo do, até então elemento composicional, dá-se de modo muito mais produtivo. Isso decorre, em função de ponderar não só a sua utilização na contemporaneidade, como também possibilitar as mais variadas instanciações que, por sua vez, colaborariam para a representatividade do modelo e a possibilidade de novas formações serem contempladas.

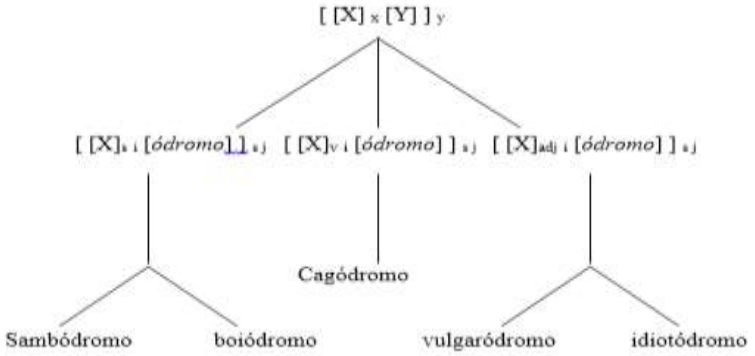
Fundamentado em sua origem do grego *drómos*, cuja definição é *ação de correr, lugar para corrida, corrida*, o formativo passou por diversas transformações ao longo dos séculos. Atualmente, o mesmo apresenta uma maior produtividade enquanto elemento preso à direita, diferentemente de sua origem – que era uma base livre. Ao se como uma forma presa à direita, o formativo *-ódromo* se encaixa no modelo de sufixação apresentado por Booij (2005) e adaptado por Gonçalves & Almeida (2013) para o português brasileiro. Nesse sentido, a esquematização do mesmo, a partir do nível mais abstrato, seria:

$$[\,[X]_x\,[Y]\,]_y$$

$$\Big|$$

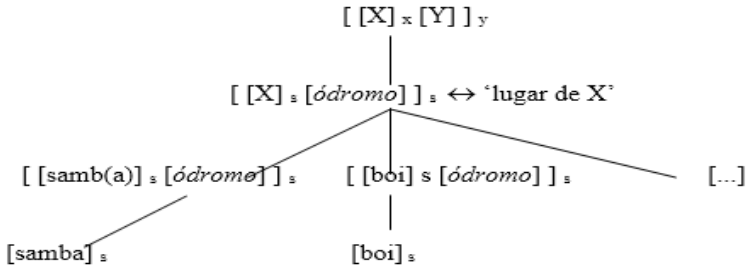
$$[\,[X]_i\,[\textit{ódromo}]\,]_{xi} \leftrightarrow [\text{local relacionado à SEM}_i]$$

Deve-se levar em consideração que X pode assumir três tipos de base: substantiva, verbal e adjetiva. A partir do *corpus* levantado, pode-se perceber que o *input*, em sua maioria, seria formado por substantivos. Com o intuito de melhor visualização das três possibilidades, representemos cada uma delas:

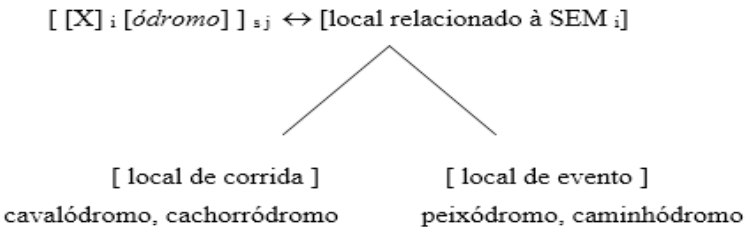


Vale ressaltar que os subscritos ($_i$) e ($_j$) são indicativos de que tanto a base quanto o produto fazem parte do léxico.

Levando-se em consideração as esquematizações desde o nível mais abstrato até as instanciações individuais, em que os nós mais baixos herdariam propriedades dos nós dominantes e, por isso mesmo, conteriam informações redundantes, as construções em X-*ódromo* instanciam o esquema mais abstrato da sufixação. Atendo-se à representação mais recorrente na formação, isto é, tendo como base um substantivo, demonstremos como *sambódromo* e *boiódromo* herdariam as características do nó imediatamente dominante da semântica de lugar tendo a possibilidade de outras formações serem contempladas:



No que diz respeito à contraparte semântica, haveria a noção genérica de 'local relacionado à SEM_i', tendo, portanto, uma ampliação no sentido original, que fazia alusão a 'ação de correr, lugar para corrida, corrida' (HOUAISS, 2009). A partir de instanciações, a contraparte semântica nos possibilitaria destacar, para alguns exemplos, tratar-se de 'local de corrida' e de 'local de evento':



A partir dessas noções semânticas, que dentro da gramática das construções, de Goldberg (1995), seriam heranças *por instanciação*, os exemplos acima – *cavalódromo, cachorródromo, peixódromo e caminhódromo* – permitiriam entender que, seja 'local de corrida', seja 'local de evento', a noção de 'local, lugar' seria contemplada de qualquer maneira. De certa forma, a própria expansão do significado em relação ao original ajudaria na percepção da existência de uma modificação no estatuto morfológico do formativo.

Ao levarmos em consideração, especificamente, a contraparte 'local de evento', o *corpus* levantado até agora nos permite perceber que haveria *heranças metafóricas e metonímicas* em exemplos como *bambódromo, porcódromo e peixódromo*, Passemos, então, a fazer uma análise mais aprofundada desses elementos, tendo por base, também, as noções de *frame* e de modelos cognitivos idealizados, também conhecido como MCI, que se mostrarão muito importantes

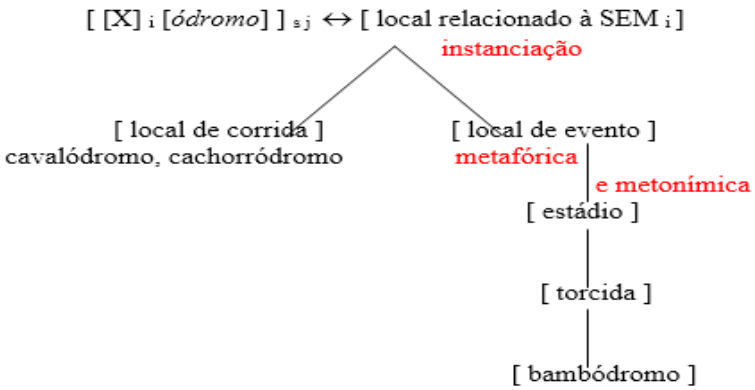
Desenvolvida por Fillmore (1982), por *frame*, entende-se se tratar de um *sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência* (FERRARI, 2011, p. 50). Essa noção é concernente à interpretação das palavras ou de um conjunto de palavras relacionadas às experiências humanas, em que expectativas culturais e bases físicas estão inseridas nessas experiências. A caracterização de *frame* permite, às pessoas, percepções, lembranças e raciocínios acerca de situações específicas para uma melhor codificação e entendimento da cena em que se inserem. Já para

MCI, (LAKOFF, 1987), seria uma estrutura que permite organizar nosso pensamento e nosso conhecimento, tendo como consequência a maneira como categorizamos o mundo. A alusão a *modelo* se deve ao fato de atuar como uma representação cognitiva de base cultural armazenada na memória de longo prazo feita não de maneira individual, mas sim por membros de uma comunidade. Por sua vez, *idealizado* seria em decorrência de uma representação simplificada, ou idealizada, da realidade que, motivada por ser uma informação compartilhada pelos falantes, perpetua-se na linguagem. Ainda que similar à noção de *frame*, os modelos cognitivos idealizados são mais complexos e organizados, com a disponibilidade para atualizações *podendo, inclusive, sofrer alterações a depender de fenômenos socioculturais; o falante pode, portanto, adicionar ou retirar informações do seu MCI* (FURTADO, 2011, p. 25).

Para os exemplos bambódromo, porcódromo e peixódromo, sem uma contextualização mais específica, seriam entendidos enquanto um 'local que se destina para a prática de corrida de bambis, de porcos e de peixes', respectivamente. Ponderando-se, todavia, o contexto de onde esses vocábulos foram retirados, a verdadeira intenção foi fazer referência ao ambiente esportivo, mais especificamente o futebolístico.

Para o primeiro – *bambódromo* – há uma alusão pejorativa ao estádio do time do São Paulo F. C., o Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi. O contexto para a 'criação' do termo alusivo ao animal teve a participação da equipe do Sport Club Corinthians Paulista, partindo de um jogador. O volante Vampeta – apenas como curiosidade, trata-se de um apelido que seria a junção de vampiro com capeta – ao passar por uma sorveteria, avistou dois jogadores do São Paulo, Kaká e Júlio Baptista e, em um tom jocoso, chamou a dupla de bambis. Alguns dias depois, o jogador do Corinthians voltou a repetir o mesmo termo em uma entrevista coletiva, fato que teve uma repercussão considerável. Daí a origem de *bambi* como sendo uma alusão aos torcedores são-paulinos e, por conseguinte, *bambódromo* para o Morumbi.

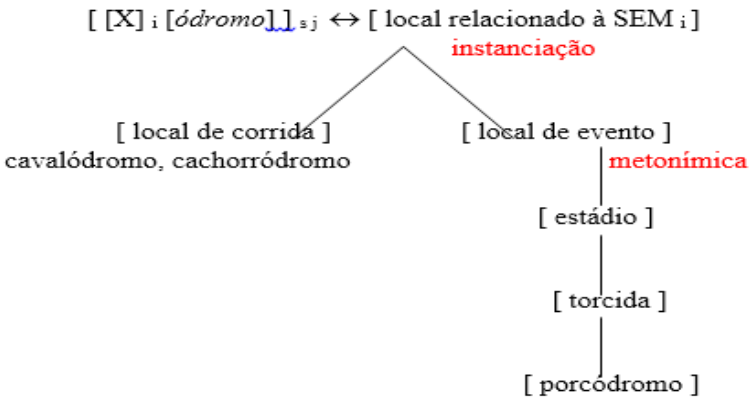
Diante dessas considerações, pode-se perceber a existência de herança em termos *metafóricos* e *metonímicos*. A primeira herança se dá em razão de que, em nossa sociedade, *bambi* vem a ser uma designação pejorativa que questiona a masculinidade do homem; dúvida acerca da opção sexual do ser do sexo masculino. Por sua vez, para a metonímica, estabelece-se a representação da torcida são-paulina pelo animal – *bambi*. Em termos de esquematização, teríamos:



Nos casos de *porcódromo* e *peixódromo*, a herança seria *por metonímia*. Para ambos os exemplos, levamos em conta que os processos atuantes na formação assemelham-se aos atuantes na palavra *bambódromo*. Sem uma situação comunicacional mais específica, também seriam entendidos como um lugar destinado à corrida de porcos e de peixes. De fato, o significado também é viável. Entretanto, com base nas noções de *frame* e *MCI*, uma vez mais um significado alternativo emerge.

Especificamente para *porcódromo*, seria uma referência ao estádio da equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras, cujos torcedores são conhecidos como *porcos*. Tal denominação se deu em razão de uma divergência entre os presidentes do Palmeiras e do Corinthians – na década de 60. Após o alviverde – Corinthians – empatar no campeonato paulista com a equipe do São Bento em 1x1, o time retornou à capital e uma tragédia ocorreu com dois de seus principais jogadores: falecimento. Requisitando à FPF – Federação Paulista de Futebol – que ambos fossem substituídos, o presidente corinthiano recebe a notícia de que a substituição só seria possível mediante aprovação unânime de todos os outros presidentes que faziam parte da Federação. Somente um dirigente se posicionou contra a substituição dos jogadores falecidos: o do Palmeiras. A negativa por parte do dirigente fez com que o cartola alvinegro chamasse os palmeirenses de "porcos". O jogo subsequente do Corinthians era justamente contra a equipe alviverde, circunstância que levou os primeiros a soltarem um porco no gramado do Morumbi provocando um coro uníssono de "porco! porco!" como forma de zombar do adversário. O tom zombeteiro perdurou até o ano de 1986, quando a equipe palmeirense goleou por 5x1 a equipe do Sport Club Corinthians Paulista na semifinal do campeonato

paulista. Desde então, faz-se uma referência aos torcedores do Palmeiras como *porcos* e, por conseguinte, *porcódromo* para seu estádio – Palestra Itália, também popularmente conhecido como Parque Antártica. A curiosidade se dá pelo fato de os próprios torcedores do Palmeiras terem adotado a "mascote" de modo positivo. Tal fato se comprova, inclusive, a partir da criação de uma torcida organizada com a nomenclatura de *pork's*. A esquematização dessa palavra seria:

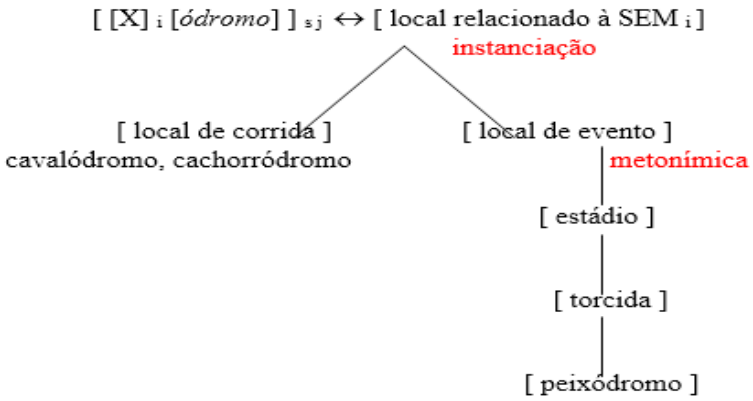


Sendo assim, demonstra-se a herança *metonímica*, em função de o animal porco representar a torcida do Palmeiras.

Por último, em *peixódromo*, o termo faz alusão, também por metonímia, à torcida do Santos F. C. Nessa situação, no entanto, há um fato curioso: a mascote do time é uma baleia, mais especificamente uma orca. Ainda que esta seja a representante animal oficial, a equipe é tida como peixe. Tal fato remonta à primeira metade dos anos 90 do século passado, quando a equipe da baixada santista viajava para a capital. Quando jogava em São Paulo, a torcida adversária costumava chamar os torcedores de 'peixes podres', 'peixeiros'. No ano de 1933, quando o Santos recebeu a equipe da Floresta – o time precursor do atual São Paulo F. C. – na Vila Belmiro – estádio do Santos –, uma vez mais a torcida adversária começou a gritar a mesma ofensa. Entretanto, os próprios torcedores santistas responderam que 'eram peixeiros com muito prazer, com muita honra'. Desde então, o apelido foi assumido e a equipe virou o 'time do peixe'.

Ao se levar em consideração que o time é conhecido justamente por essa referência, percebe-se que há a relação em que a totalidade – a

torcida – passa a ser designada pelo animal representativo dessa torcida – peixe. Desse modo, o estádio do Santos F. C. passa a ser conhecido por *peixódromo*. A esquematização dessa referência seria:



Com isso, percebemos que na contraparte semântica, a ideia de locativo se mantém, todavia, há a possibilidade de expansão no que diz respeito a esse lugar. Com isso, especificamente para esses três vocábulos – *bambódromo, porcódromo* e *peixódromo* – o local de evento estabelece relações metafóricas e metonímicas que permitem fazer alusão a lugares mais particulares: estádios de futebol.

5. *Considerações finais*

Diante de todas as considerações feitas, podemos perceber que a aplicação da morfologia construcional, de Booij (2005, 2010), apresenta-se como um arcabouço teórico apropriado para um estudo mais aprofundado acerca do comportamento do formativo *-ódromo* na contemporaneidade. Sendo assim, verificar que composição e derivação não são processos claramente distintos; possuem fronteiras maleáveis é de suma importância para entender que os processos de formação de palavras podem se modificar ao longo dos anos e é o que parece estar acontecendo com o formativo em questão.

Ao se propor o estudo mais reflexivo pela teoria, percebe-se que o fenômeno (a) não se apresenta enquanto uma palavra de livre curso na língua e (b) apresenta-se mais produtivo quando associado à noção de processo derivacional. Tais circunstâncias devem ser consideradas para

que entendamos as transformações pelas quais o fenômeno está passando. Além disso, a teoria também se mostra bastante eficiente quando permite o estabelecimento de uma relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico. Ao se ter essa relação mais abrangente, esquemas genéricos representariam o pareamento do polo significante/significado. Com essa estrutura, generalizações seriam estabelecidas, permitindo não só o entendimento das formações disponíveis, como também a padronização que possibilita a formação de novas construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Kátia Emmerick; GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *O estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em português*, 2012. [Inédito]

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, Wolfgang U. et al. (Eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa.* 37. ed. ver. e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, Wolfgang U. et al. (Eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 109-131.

_____. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CROFT, W.; CRUISE, D. A. *Cogntive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. [5. ed. Lexikon, 2008]

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3. ed. atual. Editora Positivo. Positivo Informática Ltda., 2004.

FILLMORE, C. Frame semantics. In: Linguistic Society Of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Pubishing, 1982, p. 111-137.

FURTADO, Lilian Ribeiro. *Análise semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Composição e derivação*: polos prototípicos de um *continuum*? Pequeno estudo de casos. 2011. [Inédito]

_____. *Compostos neoclássicos*: estrutura e formação. 2011. [Inédito]

_____. *Estudos em morfopragmática e morfologia diacrônica*. São Paulo: Booklink, 2006.

_____. *Composição e derivação*: características gerais e processos de fronteira. 2011. [Inédito]

_____; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. *Morfologia construcional*: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. 2013. [Inédito]

GOLDBERG, A. *Constructions*: a construction grammar approach to argument structure. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão monosuário 3.0. Objetiva, 2009.

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: MCCONCHIE, R. W. et al. (Eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*: what categories reveal about the mind. Chicago: University Press, 1987.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 4. ed., rev. e ampl. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 2005.

RALLI, Angela. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica*, v. 4, n. 1, p. 143-174, 2007.

_____. Compound Markers and Parametric Variation. *Language Typology and Universals* (*STUF*), p. 19-38, 2008.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SANDMANN. A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia & Labor, 1988.

_____. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. Novidades do "front" da formação de palavras. *Letras*. UFPR. Curitiba. n. 36, p. 54-68. 1987.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico*: morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 1993.

TEN HACKEN, Pius. *Defining Morphology*: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection. Hildesheim: Olms, 1994.